

# Tradução dos capítulos «Sobre Voltaire» e «Sobre o Abade de Lamennais, a propósito do Ensaio Sobre a Indiferença em Matéria de Religião», do livro *Literatura e Filosofia Mescladas*, de Victor Hugo

**Maria A. A. de Macedo**  
*Universidade Federal de Sergipe/UFS*

## Introdução à tradução

*Littérature et Philosophie Mêlées* foi publicada originalmente em 1834, em dois volumes. O primeiro apresentado em duas partes: “Journal des idées, des opinions et des lectures d’un jeune jacobite de 1819” e “Journal des idées et des opinions d’un révolutionnaire de 1830”. Os dois volumes tratando-se do percurso intelectual, literário e político desde os 16 até os 32 anos de idade de Victor Hugo – pelo menos o percurso que este autor quis trazer à luz ao seu tempo, projetando-o, aliás, como herança para as gerações futuras.

Os capítulos objetos da tradução encontram-se no segundo volume, que são, tal como o primeiro, anotações de ideias várias, em forma de diário, obedientes à ordem cronológica da biografia do autor. Se no primeiro volume, essas ideias se encontram em estado larvário, no segundo volume elas mostram-se inequívocas. O primeiro dispõe anotações agrupadas em núcleos de ideias desenvolvidas ao longo dos anos iniciais da carreira de Hugo, sendo o segundo volume dedicado à crítica literária de Hugo sobre a obra de alguns escritores, tais como Voltaire, Byron, Walter Scott, Lamennais, Dovalle e Mirabeau.

Escolhemos para a tradução dois capítulos presentes no segundo volume de *Littérature et Philosophie Mêlées*, que são “Sur Voltaire”, de 1823 e “Sur l’abbé de Lamennais, à propos de l’Essai sur l’indifférence en matière de religion”, escrito em 1830 – ambos publicados anteriormente em jornais da época. O motivo da escolha deve-se à necessidade de dar-se a conhecer uma relação não muito pacífica entre dois períodos históricos, filosóficos e literários, que foram as Luzes e o Romantismo francês. Há uma série de prefácios dos românticos franceses, traduzidos em português, cuja intenção é a de explicar a estética romântica e suas fontes de imaginação oriundas da religião cristã. No entanto, parece haver certa carência de traduções de textos que contemplem a crítica fervorosa dos primeiros românticos franceses com seu alvo claramente dirigido aos pensadores das Luzes.

Toma-se geralmente, ao se abordar o Romantismo, o seu enaltecimento da Revolução Francesa, apresentando-se a revolução literária defendida nos prefácios românticos uma simples continuidade natural daquela. Porém, a passagem entre o Iluminismo e o Romantismo envolve maior complexidade, em suas continuidades e descontinuidades, cobrindo uma fase de extrema agitação provocada pela pluralidade política-ideológica dos escritores-pensadores, e pelo secular antagonismo entre religião e razão. Revirando esse antagonismo, os primeiros românticos tomam como porta-voz a religião e como adversários, os iluministas.

Visualiza-se em Victor Hugo, no primeiro capítulo traduzido a seguir, uma passagem entre os dois séculos intranquila, em um olhar crítico e escarnecedor do século das Luzes – século que expulsa a religião, especialmente a católica, do seu sistema de pensamento. Elegendo Voltaire o representante desse século que, nas palavras de Hugo, seria somente uma época de transição entre o grande século de Luís XIV e o Romantismo, ele irá mesclar a sátira, a história, ficção e crítica no capítulo “Sobre Voltaire”. À título de ilustração, destaco aqui um fragmento da tradução que tipifica a crítica de Hugo para com Voltaire e as Luzes em geral: “É ainda nesse período que data sua [a de Voltaire] cooperação com a *Enciclopédia*, obra em que homens, que tinham querido provar sua força, provaram tão somente sua fraqueza [...]” (p. 05)

Na defesa comum dos pré-românticos à volta da inclusão da religião na literatura e em outras formas de pensamento, Victor Hugo no segundo capítulo, *Sobre o Abade de Lamennais, a propósito do “Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião”*, desenvolve uma apologia àquele que irá se exercitar na defesa do catolicismo como elemento imprescindível ao pensamento, que foi, segundo o próprio autor, Lamennais.

Estes dois capítulos encerram uma fase de Hugo ainda jovem, em defesa da arte como a expressão de uma monarquia de cor cristã. Ele caminhará posteriormente rumo a expressões outras, tais como a concepção de uma arte que expressaria o liberalismo e, por fim, uma arte que revelaria o socialismo. Entretanto, é nosso objetivo registramos aqui seus escritos mais próximos das Luzes e em embate com elas.

1823-1824

## SUR VOLTAIRE

Décembre 1823.

François-Marie Arouet, si célèbre sous le nom de Voltaire, naquit à Chatenay le 20 février 1694, d'une famille de magistrature. Il fut élevé au collège des jésuites, où l'un de ses régents, le père Lejay, lui prôna, à ce qu'on assure, qu'il serait en France le coryphée du déisme.

A peine sorti du collège, Arouet, dont le talent s'éveillait avec toute la force et toute la naïveté de la jeunesse, trouva d'un côté, dans son père, un inflexible contempteur, et, de l'autre, dans son parrain, l'abbé de Châteauneuf, un pervers complaisant. Le père condamnait toute étude littéraire sans savoir pourquoi, et par conséquent avec une obstination insurmontable. Le parrain, qui encourageait au contraire les essais d'Arouet, aimait beaucoup les vers, surtout ceux que rehaussait une certaine saveur de licence ou d'impiété. L'un voulait emprisonner le poète dans une étude de procureur; l'autre égarait le jeune homme dans tous les salons. M. Arouet interdisait toute lecture à son fils; Ninon de Lenclos léguait une bibliothèque à l'élève de son ami Châteauneuf. Ainsi, le génie de Voltaire subit dès sa naissance le malheur de deux actions contraires et également funestes; l'une qui tendait à étouffer violemment ce feu sacré qu'on ne peut éteindre; l'autre qui l'alimentait inconsidérément, aux dépens de tout ce qu'il y a de noble et de respectable dans l'ordre intellectuel et dans l'ordre social. Ce sont peut-être ces deux impulsions opposées, imprimées à la fois au premier essor de cette imagination puissante, qui en ont vicié pour jamais la direction. Du moins peut-on leur attribuer les premiers écarts du talent de Voltaire, tourmenté ainsi tout ensemble du frein et de l'éperon.

Aussi, dès le commencement de sa carrière, lui attribua-t-on d'assez méchants vers fort impertinents qui le firent mettre à la Bastille, punition rigoureuse pour de mauvaises rimes. C'est durant ce loisir forcé que Voltaire, âgé de vingt-deux ans, ébaucha son poème blafard de la Ligue, depuis la Henriade, et termina son remarquable drame d'Oedipe. Après quelques mois de Bastille, il fut à la fois délivré et pensionné par le régent d'Orléans, qu'il remercia de vouloir bien se charger de son entretien, en le priant de ne plus se charger de son logement.

Oedipe fut joué avec succès en 1718. Lamotte, l'oracle de cette époque, daigna consacrer ce triomphe par quelques paroles sacramentelles, et la renommée de Voltaire commença. Aujourd'hui Lamotte n'est peut-être immortel que pour avoir été nommé dans les écrits de Voltaire.

La tragédie d'Artémire succéda à Oedipe. Elle tomba. Voltaire fit un voyage à Bruxelles pour y voir J.-B. Rousseau, qu'on a si singulièrement appelé grand. Les deux poètes s'estimaient avant de se connaître, ils se séparèrent ennemis. On a dit qu'ils étaient réciproquement envieux l'un de l'autre. Ce ne serait pas un signe de supériorité.

Artémire, refaite et rejouée en 1724 sous le nom de Marianne, eut beaucoup de succès sans être meilleure. Vers la même époque parut la Ligue ou la Henriade, et la France n'eut pas un poème épique. Voltaire substitua dans son poème Mornay à Sully, parce qu'il avait à se plaindre du descendant de ce grand ministre. Cette vengeance peu philosophique est cependant excusable, parce que Voltaire, insulté lâchement devant l'hôtel de Sully par je ne sais quel chevalier de Rohan, et abandonné par l'autorité judiciaire, ne put en exercer d'autre.

1823-1824

## SOBRE VOLTAIRE

Dezembro de 1823.

François-Marie Arouet, famoso sob o nome de Voltaire, nasceu em Chatenay, no dia 20 de fevereiro de 1694, em uma família de magistrado. Foi aluno do colégio dos Jesuítas, onde um de seus professores, o abade Lejay prediz-lhe, como alguns afirmam, que ele seria o corifeu do deísmo, na França.

Tão logo saiu do colégio, Arouet, cujo talento despertava com toda a força e toda a ingenuidade da juventude, encontrou em seu pai, por um lado, um depreciador inflexível, e por outro, em seu padrinho, o abade de Châteauneuf, um perversor complacente. O pai condenava todo estudo literário sem saber o porquê, e conseqüentemente, condenava-o com uma obstinação irredutível. O padrinho que, ao contrário, encorajava as tentativas de Arouet, amava muito os versos, sobretudo aqueles em que sobressaíam um certo sabor de tolerância ou de irreligiosidade. Um queria emprisonar o poeta em um estudo de procurador; o outro fazia o jovem perder-se em todos os salões. O Sr. Arouet proibia qualquer leitura a seu filho; Ninon de Lenclos doava uma biblioteca ao aluno de seu amigo Châteauneuf. Dessa maneira, o gênio de Voltaire sofreu desde seu nascimento a infelicidade de duas ações contrárias e igualmente funestas; uma que tendia a abafar violentamente esse fogo sagrado que não se pode apagar; a outra, que o alimentava de maneira leviana, às custas de tudo o que há de nobre e de respeitável na ordem intelectual e social. São talvez esses dois estímulos opostos e contidos simultaneamente no primeiro impulso dessa poderosa imaginação, que corromperam e desviaram sua direção para sempre. Pelo menos, pode-se atribuir-lhe os primeiros desvios do talento de Voltaire, atormentado a um só tempo entre o freio e a espora.

Assim, desde o começo de sua carreira, atribuíram-lhe versos tão ruins e impertinentes, que lhe fizeram ser colocado na Bastilha – punição rigorosa para rimas ruins. É durante este lazer forçado que Voltaire, com vinte e dois anos, esboçou seu poema insípido da *Ligue*, em seguida a *Henriade*, terminando seu notável drama de *Édipo*. Após alguns meses de Bastilha, ele foi solto e ao mesmo tempo ganhou uma pensão do regente de Orléans – que ele agradeceu por querer encarregar-se de seu sustento, mas rogando-lhe para não mais se responsabilizar por sua moradia.

*Édipo* foi encenado com sucesso em 1718. Lamotte, o oráculo dessa época, teve a condescendência de dedicar esse triunfo em algumas palavras sacramentais, e a fama de Voltaire começou. Hoje, Lamotte talvez seja imortal por ter sido citado nos escritos de Voltaire.

A tragédia *Artémire* seguiu-se àquela de *Édipo*. Ela fracassou. Voltaire empreendeu uma viagem a Bruxelas para ver J.-B. Rousseau, chamado tão singularmente de “grande”. Os dois poetas estimavam-se antes de se conhecerem; eles se separaram como inimigos. Disseram que entre os dois a inveja era recíproca. O que não seria um sinal de superioridade.

*Artémire*, refeita e reencenada em 1724 sob o nome de *Marianne*, mesmo sem ser melhor, obteve muito sucesso. Aproximadamente na mesma época, apareceu a *Ligue* ou a *Henriade*, e a França não teve um poema épico. Voltaire em seu poema substituiu Sully por Mornay, por ter motivos para se queixar do descendente desse grande ministro. Entretanto, essa vingança pouco filosófica é desculpável, já que Voltaire, insultado covardemente diante do palácio do Sully por não sei qual cavalheiro de Rohan, e abandonado pela autoridade judicial, não podia ter agido de outro modo.

Justement indigné du silence des lois envers son méprisable agresseur, Voltaire, déjà célèbre, se retira en Angleterre, où il étudia des sophistes. Cependant tous ses loisirs n’y furent pas perdus; il fit deux nouvelles tragédies, Brutus et César, dont Corneille eût avoué plusieurs scènes.

Revenu en France, il donna successivement *Éryphile*, qui tomba, et *Zaïre*, chef-d’œuvre conçu et terminé en dix-huit jours, auquel il ne manque que la couleur du lieu et une certaine sévérité de style. *Zaïre* eut un succès prodigieux et mérité. La tragédie d’Adélaïde Du Guesclin (depuis le Duc de Foix) succéda à *Zaïre* et fut loin d’obtenir le même succès. Quelques publications moins importantes, le Temple du goût, les Lettres sur les anglais, etc., tourmentèrent pendant quelques années la vie de Voltaire.

Cependant son nom remplissait déjà l’Europe. Retiré à Cirey, chez la marquise du Châtelet, femme qui fut, suivant l’expression même de Voltaire, propre à toutes les sciences, excepté à celle de la vie, il desséchait sa belle imagination dans l’algèbre et la géométrie, écrivait *Alzire*, *Mahomet*, l’Histoire spirituelle de Charles XII, amassait les matériaux du Siècle de Louis XIV, préparait l’Essai sur les mœurs des nations, et envoyait des madrigaux à Frédéric, prince héréditaire de Prusse. Mérope, également composée à Cirey, mit le sceau à la réputation dramatique de Voltaire. Il crut pouvoir alors se présenter pour remplacer le cardinal de Fleury à l’académie française. Il ne fut pas admis. Il n’avait encore que du génie. Quelque temps après, cependant, il se mit à flatter madame de Pompadour; il le fit avec une si opiniâtre complaisance, qu’il obtint tout à la fois le fauteuil académique, la charge de gentilhomme de la chambre et la place d’historiographe de France. Cette faveur dura peu. Voltaire se retira tour à tour à Lunéville, chez le bon Stanislas, roi de Pologne et duc de Lorraine; à Sceaux, chez madame de Maine, où il fit *Sémiramis*, *Oreste* et *Rome sauvée*, et à Berlin, chez Frédéric, devenu roi de Prusse. Il passa plusieurs années dans cette dernière retraite avec le titre de chambellan, la croix du Mérite de Prusse et une pension. Il était admis aux soupers royaux avec Maupertuis, d’Argens, et Lamettrie, athée du roi, de ce roi qui, comme le dit Voltaire même, vivait sans cour, sans conseil et sans culte. Ce n’était point l’amitié sublime d’Aristote et d’Alexandre, de Térence et de Scipion. Quelques années de frottement suffirent pour user ce qu’avaient de commun l’âme du despote philosophe et l’âme du sophiste poète. Voltaire voulut s’enfuir de Berlin. Frédéric le chassa.

Renvoyé de Prusse, repoussé de France, Voltaire passa deux ans en Allemagne, où il publia ses *Annales de l’Empire*, rédigées par complaisance pour la duchesse de Saxe-Gotha; puis il vint se fixer aux portes de Genève avec Mme Denis, sa nièce.

L’Orphelin de la Chine, tragédie où brille encore presque tout son talent, fut le premier fruit de sa retraite, où il eût vécu en paix, si d’avidés libraires n’eussent publié son odieuse *Pucelle*. C’est encore à cette époque et dans ses diverses résidences des Délices, de Tournay et de Ferney, qu’il fit le poème sur le Tremblement de terre de Lisbonne, la tragédie de *Tancredi*, quelques contes et différents opuscles. C’est alors qu’il défendit, avec une générosité mêlée de trop d’ostentation, Calas, Sirven, La Barre, Montbailli, Lally, déplorables victimes des méprises judiciaires. C’est alors qu’il se brouilla avec Jean-Jacques, se lia avec Catherine de Russie, pour laquelle il écrivit l’histoire de son aïeul Pierre 1er, et se réconcilia avec Frédéric. C’est encore du même temps que date sa coopération à l’Encyclopédie, ouvrage où des hommes qui avaient voulu prouver leur force ne prouvèrent que leur faiblesse, monument monstrueux dont le *Moniteur* de notre révolution est l’effroyable pendant.

Indignado com razão pelo silêncio das leis com relação ao seu agressor desprezível, Voltaire, já famoso, recolheu-se na Inglaterra, onde estudou os sofistas. No entanto, todas suas distrações não foram aí perdidas; ele apresentou duas novas tragédias, *Brutus* e *César*, nas quais Corneille poderia ter reconhecido várias de suas cenas.

De volta à França, ele escreve sucessivamente *Éryphile*, um fracasso, e *Zaïre*, obra-prima concebida e concluída em dezoito dias, a qual falta tão somente a cor local e um certo rigor de estilo. *Zaïre* obteve um sucesso extraordinário e merecido. A tragédia *Adélaïde du Guesclin* (depois a *O duque de Foix*) seguiu-se a *Zaïre* e ficou longe de obter o mesmo sucesso. Algumas publicações menos importantes, como o *Templo do gosto*, e *Cartas sobre os ingleses*, etc, atormentaram durante alguns anos a vida de Voltaire.

No entanto, seu nome já dominava toda a Europa. Em seu retiro em Cirey, na casa da Marquesa de Châtelet, mulher que foi – segundo a própria expressão de Voltaire – dotada em todas as ciências, exceto naquela da vida; nessa casa ele dessecava sua bela imaginação na álgebra e na geometria, escrevia *Alzire*, *Mahomet*, *História espiritual de Charles XII*, reunia os materiais para o *Século de Louis XIV*, preparava os *Ensaïos sobre os costumes das nações*, e enviava madrigais a Frédéric, príncipe herdeiro da Prússia. *Mérope*, igualmente composto em Cirey, selou a reputação dramática de Voltaire. Ele acreditou poder, assim, apresentar-se para substituir o Cardeal de Fleury, na Academia Francesa. Ele não foi admitido. Ele tinha tão somente o gênio. Entretanto, algum tempo depois ele começou a bajular a Madame de Pompadour; ele o fez com tamanha obstinação servil, que obteve ao mesmo tempo a cadeira na Academia, o cargo de *cavalheiro* da Câmara e a função de historiógrafo da França. Esse favor durou pouco. Voltaire retirou-se sucessivamente em Luneville, na residência do bom Stanislas, rei da Polônia e Duque de Lorraine; em Sceaux, naquela de Madame de Maine, onde escreveu *Sémiramis*, *Oreste* e *Roma salva*, e em Berlim, na residência de Frédéric, já tornado rei da Prússia. Ele passou vários anos nesta última com o título de chanceler, recebendo a cruz do Mérito da Prússia e uma pensão. Era convidado aos jantares reais com Maupertuis, d’Argens, e Lamettrie, ateu do rei, desse rei que, como afirma-o o próprio Voltaire, vivia sem Corte, sem Conselho e sem culto. O que não era absolutamente a amizade sublime de Aristóteles e de Alexandre, de Terêncio ou de Scipião. Alguns anos de convivência foram suficientes para desgastar o que tinham em comum a alma do despota filósofo e a alma do sofista poeta. Voltaire quis sair de Berlim. Frédéric o expulsou.

Expulso da Prússia, desdenhado pela França, Voltaire passou dois anos na Alemanha, onde publicou seus *Anais do Império*, redigidos com os favores da Duquesa de Saxe-Gotha; em seguida, ele vem a se fixar às portas de Genebra com Madame Denis, sua sobrinha.

O *Orfão da China*, tragédia em que ainda brilha quase todo seu talento, foi o primeiro fruto de sua estadia nesse país, onde ele teria vivido em paz, se livrarias ávidas não tivessem publicado sua odiosa *Pucelle*. É ainda nessa época e em suas inúmeras residências das Delícias, de Tournay e de Ferney, que fez o poema sobre o *Terremoto de Lisboa*, a tragédia *Tancredi*, alguns contos e diferentes opusculos. É nesse mesmo período que ele defende, com uma generosidade misturada à uma excessiva ostentação, Calas, Sirven, La Barre, Montbailli, Lally, vítimas lamentáveis do desprezo judicial. É nesse mesmo momento que ele se indispôs com Jean-Jacques, relacionou-se com Catherine da Rússia, para a qual ele escreveu a história de seu ancestral Pierre I, e reconciliou-se com Frédéric. É ainda nesse período que data sua cooperação com a *Enciclopédia*, obra em que homens, que tinham querido provar sua força, provaram tão somente sua fraqueza – monumento monstruoso que tem o *Moniteur*<sup>1</sup> como assustador equivalente de nossa revolução.

1. Victor Hugo refere-se nesse trecho ao *Moniteur Universel*: jornal francês fundado em Paris em 1789. Foi concebido com o objetivo de propaganda do governo francês encarregado principalmente da transcrição dos debates parlamentares. No início do século XX, ele se tornará o jornal oficial do governo.

Accablé d'années, Voltaire voulut revoir Paris. Il revint dans cette Babylone qui sympathisait avec son génie. Salué d'acclamations universelles, le malheureux vieillard put voir, avant de mourir, combien son œuvre était avancée. Il put jouir ou s'épouvanter de sa gloire. Il ne lui restait plus assez de puissance vitale pour soutenir les émotions de ce voyage, et Paris le vit expirer le 30 mai 1778. Les esprits forts prétendirent qu'il avait emporté l'incrédulité au tombeau. Nous ne le poursuivrons pas jusque-là.

Nous avons raconté la vie privée de Voltaire; nous allons essayer de peindre son existence publique et littéraire.

Nommer Voltaire, c'est caractériser tout le dix-huitième siècle; c'est fixer d'un seul trait la double physionomie historique et littéraire de cette époque, qui ne fut, quoi qu'on en dise, qu'une époque de transition, pour la société comme pour la poésie. Le dix-huitième siècle paraîtra toujours dans l'histoire comme étouffé entre le siècle qui le précède et le siècle qui le suit. Voltaire en est le personnage principal et en quelque sorte typique, et, quelque prodigieux que fût cet homme, ses proportions semblent bien mesquines entre la grande image de Louis XIV et la gigantesque figure de Napoléon.

Il y a deux êtres dans Voltaire. Sa vie eut deux influences. Ses écrits eurent deux résultats. C'est sur cette double action, dont l'une domine les lettres, dont l'autre se manifesta dans les événements, que nous allons jeter un coup d'œil. Nous étudierons séparément chacun de ces deux règnes du génie de Voltaire. Il ne faut pas oublier toutefois que leur double puissance fut intimement coordonnée, et que les effets de cette puissance, plutôt mêlés que liés, ont toujours eu quelque chose de simultané et de commun. Si, dans cette note, nous en divisons l'examen, c'est uniquement parce qu'il serait au-dessus de nos forces d'embrasser d'un seul regard cet ensemble insaisissable; imitant en cela l'artifice de ces artistes orientaux qui, dans l'impuissance de peindre une figure de face, parviennent cependant à la représenter entièrement, en enfermant les deux profils dans un même cadre.

En littérature, Voltaire a laissé un de ces monuments dont l'aspect étonne plutôt par son étendue qu'il n'impose par sa grandeur. L'édifice qu'il a construit n'a rien d'auguste. Ce n'est point le palais des rois, ce n'est point l'hospice du pauvre. C'est un bazar élégant et vaste, irrégulier et commode; étalant dans la boue d'innombrables richesses; donnant à tous les intérêts, à toutes les vanités, à toutes les passions, ce qui leur convient; éblouissant et fétide; offrant des prostitutions pour des voluptés; peuplé de vagabonds, de marchands et d'oisifs, peu fréquenté du prêtre et de l'indigent. Là, d'éclatantes galeries inondées incessamment d'une foule émerveillée; là, des antres secrets où nul ne se vante d'avoir pénétré. Vous trouverez sous ces arcades somptueuses mille chefs-d'œuvre de goût et d'art, tout reluisants d'or et de diamants; mais n'y cherchez pas la statue de bronze aux formes antiques et sévères. Vous y trouverez des parures pour vos salons et pour vos boudoirs; n'y cherchez pas les ornements qui conviennent au sanctuaire. Et malheur au faible qui n'a qu'une âme pour fortune et qui l'expose aux séductions de ce magnifique repaire; temple monstrueux où il y a des témoignages pour tout ce qui n'est pas la vérité, un culte pour tout ce qui n'est pas Dieu!

Certes, si nous voulons bien parler d'un monument de ce genre avec admiration, on n'exigera pas que nous en parlions avec respect.

Nous plaindrions une cité où la foule serait au bazar et la solitude à l'église; nous plaindrions une littérature qui déserterait le sentier de Corneille et de Bossuet pour courir sur la trace de Voltaire.

Abatido pelos anos, Voltaire quis rever Paris. Ele voltou a essa Babilônia simpática ao seu gênio. Saudado com aclamações do mundo inteiro, o pobre velho pode ver, antes de morrer, o quanto sua obra continuava contemporânea. Ele pode gozar ou se espantar com sua glória. Não lhe restava força suficiente para suportar as emoções dessa viagem, e Paris o viu expirar em 30 de maio de 1778. As consciências mais enérgicas pretenderam ter ele levado sua incredulidade para o túmulo. Não o seguimos até lá.

Contamos a vida privada de Voltaire; vamos tentar traçar sua existência pública e literária.

Nomear Voltaire é caracterizar todo o século XVIII; é fixar em um só traço a dupla fisionomia histórica e literária desta época, que foi somente, não importando o que dela se diz, uma época de transição, tanto para a sociedade como para a poesia. O século XVIII aparecerá, sempre na história, abafado entre o século que o precede e aquele que o segue. Nesse século Voltaire é a personagem principal e, de alguma maneira, típica. Por mais extraordinário que tenha sido esse homem, suas dimensões parecem bem mesquinhas entre a grande imagem de Louis XIV e a gigantesca figura de Napoleão.

Há dois seres em Voltaire. Sua vida teve duas influências. Seus escritos tiveram dois resultados. É sobre essa dupla ação, uma dominando as letras, e outra manifestando-se nos acontecimentos, que vamos lançar o olhar. Estudaremos separadamente cada uma delas no gênio de Voltaire. Não se pode esquecer, todavia, que esse duplo poder foi intimamente coordenado, e que seus efeitos, mais fusionados que relacionados, tiveram sempre algo de simultâneo e de comum. Se, nesta observação, dividimos o exame desse duplo poder, é unicamente porque estaria acima de nossas forças abraçar com um só olhar o conjunto indescritível; imitando aí o artifício dos artistas orientais que, em sua impotência de pintar uma figura de face, consegue entretanto representá-la inteiramente, envolvendo os dois perfis em um mesmo quadro.

Em literatura, Voltaire deixou um desses monumentos cujo aspecto surpreende mais por sua extensão do que se imporia por sua grandeza. O edifício que construiu não tem nada de majestoso. Não é absolutamente o palácio dos reis, não é absolutamente o abrigo dos pobres. É uma feira oriental elegante e vasta, irregular e cômoda; expondo na lama inúmeras riquezas; ofertando a todos os interesses, a todas as vaidades, a todas as paixões, o que lhes convêm; deslumbrante e fétida; oferecendo prostituições para voluptuosidades; povoada por vagabundos, por negociantes e por ociosos, pouco frequentada pelo sacerdote e pelo miserável. Nesses lugares, há brilhantes corredores inundados incessantemente por uma multidão admirada – covis secretos onde ninguém se orgulha de ter penetrado. Vocês encontrarão, sob esses arcos suntuosos, mil obras-primas de gosto e de arte, todas brilhando ouro e diamantes, mas não procurem aí uma estátua de bronze com formas antigas e rigorosas. Vocês encontrarão nesses lugares enfeites para seus salões e para seus vestiários, mas não procurem, neles, os ornamentos que convêm ao santuário. E será infeliz o fraco que tem somente uma alma para riqueza e que a expõe às seduções desse magnífico antro; templo monstruoso onde há testemunhas para tudo o que não é a verdade, um culto para tudo o que não é Deus!

Certamente, se aceitarmos falar de um monumento dessa espécie com admiração, não se pode exigir que falemos sobre ele com respeito.

Reclamaríamos de uma cidade onde a multidão estivesse na feira e a solidão na igreja; reclamaríamos de uma literatura que abandonasse o caminho de Corneille e de Bossuet para correr nas pegadas de Voltaire.

Loin de nous toutefois la pensée de nier le génie de cet homme extraordinaire. C'est parce que, dans notre conviction, ce génie était peut-être un des plus beaux qui aient jamais été donnés à aucun écrivain, que nous en déplorons plus amèrement le frivole et funeste emploi. Nous regrettons, pour lui comme pour les lettres, qu'il ait tourné contre le ciel cette puissance intellectuelle qu'il avait reçue du ciel. Nous gémissons sur ce beau génie qui n'a point compris sa sublime mission, sur cet ingrat qui a profané la chasteté de la muse et la sainteté de la patrie, sur ce transfuge qui ne s'est pas souvenu que le trépied du poète a sa place près de l'autel. Et (ce qui est d'une profonde et inévitable vérité) sa faute même renfermait son châtement. Sa gloire est beaucoup moins grande qu'elle ne devait l'être, parce qu'il a tenté toutes les gloires, même celle d'Érostrate. Il a défriché tous les champs, on ne peut dire qu'il en ait cultivé un seul. Et, parce qu'il eut la coupable ambition d'y semer également les germes nourriciers et les germes vénéneux, ce sont, pour sa honte éternelle, les poisons qui ont le plus fructifié. La *Henriade*, comme composition littéraire, est encore bien inférieure à la *Pucelle* (ce qui ne signifie certes pas que ce coupable ouvrage soit supérieur, même dans son genre honteux). Ses satires, empreintes parfois d'un stigmatisme infernal, sont fort au-dessus de ses comédies, plus innocentes. On préfère ses poésies légères, où son cynisme éclate souvent à nu, à ses poésies lyriques, dans lesquelles on trouve parfois des vers religieux et graves<sup>[1]</sup>. Ses contes, enfin, si désolants d'incrédulité et de scepticisme, valent mieux que ses histoires, où le même défaut se fait un peu moins sentir, mais où l'absence perpétuelle de dignité est en contradiction avec le genre même de ces ouvrages. Quant à ses tragédies, où il se montre réellement grand poète, où il trouve souvent le trait du caractère, le mot du cœur, on ne peut disconvenir, malgré tant d'admirables scènes, qu'il ne soit encore resté assez loin de Racine, et surtout du vieux Corneille. Et ici notre opinion est d'autant moins suspecte, qu'un examen approfondi de l'œuvre dramatique de Voltaire nous a convaincu de sa haute supériorité au théâtre. Nous ne doutons pas que si Voltaire, au lieu de disperser les forces colossales de sa pensée sur vingt points différents, les eût toutes réunies vers un même but, la tragédie, il n'eût surpassé Racine et peut-être égalé Corneille. Mais il dépensa le génie en esprit. Aussi fut-il prodigieusement spirituel. Aussi le sceau du génie est-il plutôt empreint sur le vaste ensemble de ses ouvrages que sur chacun d'eux en particulier. Sans cesse préoccupé de son siècle, il négligeait trop la postérité, cette image austère qui doit dominer toutes les méditations du poète. Luttant de caprice et de frivolité avec ses frivoles et capricieux contemporains, il voulait leur plaire et se moquer d'eux. Sa muse, qui eût été si belle de sa beauté, emprunta souvent ses prestiges aux enluminures du fard et aux grimaces de la coquetterie, et l'on est perpétuellement tenté de lui adresser ce conseil d'amant jaloux:

Épargne-toi ce soin;  
L'art n'est pas fait pour toi, tu n'en as pas besoin.

Voltaire paraissait ignorer qu'il y a beaucoup de grâce dans la force, et que ce qu'il y a de plus sublime dans les œuvres de l'esprit humain est peut-être aussi ce qu'il y a de plus naïf. Car l'imagination sait révéler sa céleste origine sans recourir à des artifices étrangers. Elle n'a qu'à marcher pour se montrer déesse. Et vera incessu patuit dea.

S'il était possible de résumer l'idée multiple que présente l'existence littéraire de Voltaire, nous ne pourrions que la classer parmi ces prodiges que les latins appelaient *monstra*. Voltaire, en effet, est un phénomène peut-être unique, qui ne pouvait naître qu'en France et au dix-huitième siècle. Il y a cette différence entre sa littérature et celle du grand siècle, que Corneille, Molière et Pascal appartiennent davantage à la société, Voltaire à la civilisation. On sent, en le lisant, qu'il est l'écrivain d'un âge énévergé et affadi. Il a de l'agrément et point de grâce, du prestige et point de charme, de l'éclat et point de majesté. Il sait flatter et ne sait point consoler. Il fascine et ne persuade pas. Excepté dans la tragédie,

Longe de nós, entretanto, o pensamento de negar o gênio deste homem extraordinário. Em razão de estarmos convencidos de que este gênio talvez tivesse sido um dos mais belos jamais dado a um escritor, deploramos mais amargamente o seu emprego frívolo e funesto. Lamentamos tanto para o gênio como para as Letras que Voltaire tenha voltado contra o céu esse poder intelectual que deste último recebeu. Lamentamos esse belo gênio que não compreendeu de forma alguma sua sublime missão, esse ingrato que profanou a castidade da musa e a santidade da pátria; esse desertor que não se lembrou que o lugar onde o poeta fala encontra-se próximo ao altar. E (o que é de uma profunda e inevitável verdade) sua própria culpa continha seu castigo. Sua glória é muito menor do que deveria sê-la, porque ele tentou todas elas, mesmo aquela de *Erostrate*. Pelo fato de ele ter desbravado todos os campos, não se pode dizer que tenha cultivado um único deles. E porque teve a culpável ambição de semear igualmente os germes nutritivos e os germes venenosos, para sua vergonha eterna, são os venenosos que mais frutificaram. A *Henriade*, como composição literária, é ainda mais inferior à *Pucelle* (o que não significa certamente que essa culpável obra seja superior, mesmo em seu gênero vergonhoso). Suas sátiras, às vezes marcas de um estigma infernal, estão muito acima de suas comédias, mais inocentes. Prefere-se suas poesias leves, em que seu cinismo frequentemente explode de forma crua, às suas poesias líricas, nas quais encontram-se por vezes versos religiosos e graves [1]. Seus contos, enfim, tão desoladores de incredulidade e de ceticismo, valem mais que suas histórias, onde o mesmo defeito faz-se sentir menos, mas onde a ausência permanente de dignidade encontra-se em contradição com o próprio gênero dessas obras. Quanto a suas tragédias, em que ele mostra-se realmente grande poeta, em que encontra frequentemente o traço do caráter, a palavra do coração, apesar de tantas admiráveis cenas, temos de admitir que ele ficou longe de Racine e, sobretudo, do velho Corneille. E aqui nossa opinião torna-se menos suspeita quanto mais aprofundarmos no exame da obra dramática de Voltaire, convencendo-nos de sua alta superioridade no teatro. Não duvidamos que se Voltaire, em lugar de dispersar as forças colossais de seu pensamento em vinte assuntos diferentes, tivesse reunido-as em um único objetivo, a tragédia, ele teria superado Racine e talvez se igualado a Corneille. Entretanto ele gastou o gênio em espíritosidade. Assim foi prodigiosamente espíritoso. Assim o selo do gênio é mais *marcado* sobre o vasto conjunto de suas obras que sobre cada uma delas em particular. Incessantemente preocupado por seu século, ele negligenciava em demasia a posteridade – esta imagem austera que deve dominar todas as meditações do poeta. Lutando com capricho e com frivolidade com seus frívolos e caprichosos contemporâneos, ele queria agrada-los e ridiculariza-los. Sua musa, que teria sido tão bela com sua beleza, emprestou frequentemente seus prestígios aos traços da maquiagem e às caretas da vaidade, e somos permanentemente tentados a dirigir a tal musa esse conselho de amante ciumento:

Poupe este cuidado;  
A arte não é feita para você, você não tem necessidade dela.

Voltaire parecia ignorar que há muito mais graça na força e que o que há de mais sublime nas obras do espírito humano é talvez o que há também de mais ingênuo. Pois a imaginação sabe revelar sua celeste origem sem recorrer a artificios estranhos. Ela tem apenas que andar para se mostrar deusa. *Et vera incessu patuit dea*.

Se fosse possível resumir a ideia múltipla que apresenta a existência literária de Voltaire, poderíamos tão somente classificá-la entre esses prodígios que os latinos denominavam *monstra*. Voltaire, na realidade, é talvez um fenômeno único, que teria podido nascer apenas na França e no século XVIII. Há esta diferença entre sua literatura e aquela do grande século, em que Corneille, Molière e Pascal mantêm seu pertencimento mais à sociedade e Voltaire mais à civilização. Sente-se, lendo-o, ser ele o escritor de uma idade nervosa e ensossa. Há atrativos e nenhuma graça, prestígio e nenhum charme, esplendor e nenhuma majestade. Ele sabe adular e não sabe consolar de forma alguma. Ele fascina e não persuade.

qui lui est propre, son talent manque de tendresse et de franchise. On sent que tout cela est le résultat d'une organisation, et non l'effet d'une inspiration; et, quand un médecin athée vient vous dire que tout Voltaire était dans ses tendons et dans ses nerfs, vous frémissez qu'il n'ait raison. Au reste, comme un autre ambitieux plus moderne, qui rêvait la suprématie politique, c'est en vain que Voltaire a essayé la suprématie littéraire. La monarchie absolue ne convient pas à l'homme. Si Voltaire eût compris la véritable grandeur, il eût placé sa gloire dans l'unité plutôt que dans l'universalité. La force ne se révèle point par un déplacement perpétuel, par des métamorphoses indéfinies, mais bien par une majestueuse immobilité. La force, ce n'est pas Protée, c'est Jupiter.

Ici commence la seconde partie de notre tâche; elle sera plus courte, parce que, grâce à la révolution française, les résultats politiques de la philosophie de Voltaire sont malheureusement d'une effrayante notoriété. Il serait cependant souverainement injuste de n'attribuer qu'aux écrits du « patriarche de Ferney » cette fatale révolution. Il faut y voir avant tout l'effet d'une décomposition sociale depuis longtemps commencée. Voltaire et l'époque où il vécut doivent s'accuser et s'excuser réciproquement. Trop fort pour obéir à son siècle, Voltaire était aussi trop faible pour le dominer. De cette égalité d'influence résultait entre son siècle et lui une perpétuelle réaction, un échange mutuel d'impiétés et de folies, un continuel flux et reflux de nouveautés qui entraînait toujours dans ses oscillations quelque vieux pilier de l'édifice social. Qu'on se représente la face politique du dix-huitième siècle, les scandales de la Régence, les turpitudes de Louis XV; la violence dans le ministère, la violence dans les parlements, la force nulle part; la corruption morale descendant par degrés de la tête au cœur, des grands au peuple; les prélats de cour, les abbés de toilette; l'antique monarchie, l'antique société chancelant sur leur base commune, et ne résistant plus aux attaques des novateurs que par la magie de ce beau nom de Bourbon<sup>[2]</sup>; qu'on se figure Voltaire jeté sur cette société en dissolution comme un serpent dans un marais, et l'on ne s'étonnera plus de voir l'action contagieuse de sa pensée hâter la fin de cet ordre politique que Montaigne et Rabelais avaient inutilement attaqué dans sa jeunesse et dans sa vigueur. Ce n'est pas lui qui rendit la maladie mortelle, mais c'est lui qui en développa le germe, c'est lui qui en exaspéra les accès. Il fallait tout le venin de Voltaire pour mettre cette fange en ébullition; aussi doit-on imputer à cet infortuné une grande partie des choses monstrueuses de la révolution. Quant à cette révolution en elle-même, elle dut être inouïe. La providence voulut la placer entre le plus redoutable des sophistes et le plus formidable des despotes. A son aurore, Voltaire apparaît dans une saturnale funèbre<sup>[3]</sup>; à son déclin, Buonaparte se lève dans un massacre<sup>[4]</sup>.

1. M. le comte de Maistre, dans son sévère et remarquable portrait de Voltaire, observe qu'il est nul dans l'ode, et attribue avec raison cette nullité au défaut d'enthousiasme. Voltaire, en effet, qui ne se livrait à la poésie lyrique qu'avec antipathie, et seulement pour justifier sa prétention à l'universalité, Voltaire était étranger à toute profonde exaltation; il ne connaissait d'émotion véritable que celle de la colère, et encore cette colère n'allait-elle pas jusqu'à l'indignation, jusqu'à cette indignation qui fait poète, comme dit Juvénal, *facit indignatio versum*. (*Note de l'édition originale*)

2. Il faut que la démoralisation universelle ait jeté de bien profondes racines, pour que le ciel ait vainement envoyé, vers la fin de ce siècle, Louis XVI, ce vénérable martyr, qui éleva sa vertu jusqu'à la sainteté. (*Note de l'édition originale.*)

3. Translation des restes de Voltaire au Panthéon. (*Ibid.*)

4. Mitrailade de Saint-Roch (*ibid.*)

Exceto na tragédia, que lhe é própria, seu talento não tem ternura e franqueza. Sentimos que tudo isso é o resultado de uma organização, e não o efeito de uma inspiração; e, quando um médico ateu vem te dizer que Voltaire todo estava em seus tendões e em seus nervos, você treme ao pensar que ele tenha razão. De resto, como um outro ambicioso mais moderno, que sonhava com a supremacia política, é em vão que Voltaire tentou a supremacia literária. A monarquia absoluta não convém ao homem. Se Voltaire tivesse compreendido a verdadeira grandeza, ele teria colocado sua glória na unidade mais do que na universalidade. A força não se revela por um deslocamento perpétuo, por metamorfoses indefinidas, mas sim por uma majestosa imobilidade. A força não é Proteu, é Júpiter.

Aqui começa a segunda parte de nossa tarefa; ela será mais curta, porque, graças à Revolução Francesa, os resultados políticos da filosofia de Voltaire são, infelizmente, de uma assustadora notoriedade. Seria entretanto absolutamente injusto atribuir somente aos escritos do “patriarca de Ferney”<sup>2</sup> essa Revolução fatal. É preciso ver nela antes de tudo o efeito de uma decomposição social há muito começada. Voltaire e a época em que ele viveu devem se acusar e se escusar reciprocamente. Muito forte para obedecer a seu século, Voltaire era também muito fraco para dominá-lo. A partir dessa igualdade de influência, resultava entre ele e seu século uma perpétua reação, uma troca mútua de iniquidades e de loucuras, um contínuo fluxo e refluxo de novidades que arrastavam sempre em suas oscilações qualquer antigo pilar do edifício social. Quer se represente a face política do século XVIII, os escândalos da Regência, as torpezas de Louis XV, a violência no ministério, a violência nos parlamentos, a força em lugar algum, a corrupção moral descendo por degraus da cabeça ao coração, dos grandes ao povo, os bispos da Corte, os abades vaidosos. Quer se represente a antiga monarquia, a antiga sociedade cambaleante em sua base comum, não mais resistindo aos ataques dos inovadores senão pela magia desse belo nome de Bourbon [2], figura-se Voltaire jogado nessa sociedade em dissolução como uma serpente em um pântano, sem que surpreendamo-nos ao ver a ação contagiosa de seu pensamento precipitar o fim dessa ordem política que Montaigne e Rabelais tinham inutilmente atacado em sua juventude e em seu vigor. Não foi ele que tornou a doença mortal, mas foi ele que desenvolveu o seu germe, foi ele que exasperou os seus acessos. Foi preciso todo o veneno de Voltaire para colocar a lama em ebulição; também deve-se imputar a este infeliz grande parte das coisas monstruosas da Revolução. Quanto a esta própria Revolução, ela deve ter sido fenomenal. A providência quis colocá-la entre o mais temível dos sofistas e o mais formidável dos despotes. À aurora da Revolução, Voltaire aparecia em sua saturnal fúnebre [3]; em seu declínio, Bonaparte se ergue em um massacre [4].

[1] O Sr. Conde de Maistre, em seu severo e notável retrato de Voltaire, observa que ele é péssimo na ode, e atribui com razão essa nulidade pela falta de entusiasmo. Voltaire, na verdade, não praticava a poesia lírica senão com antipatia, e somente para justificar sua pretensão à universalidade. Voltaire era indiferente a toda exaltação profunda. Ele não conhecia emoção verdadeira senão naquela da cólera, e ainda essa cólera não chegava até a indignação que faz o poeta, como diz Juvénal, *facit indignatio versum*. (*Nota da versão original*)

[2] É necessária que a desmoralização universal tenha jogada profundas raízes, para que céu tenha em vão enviado, para o fim deste século, Louis XVI, este venerável mártir, que elevou sua virtude até a santidade. (*Nota da versão original*)

[3] Traslado dos restos mortais de Voltaire ao Panteão. (*Ibid.*)

[4] Tiroteio de Saint-Roch. (*Ibid.*)

2. Ferney é um castelo situado perto de Genebra de propriedade de Voltaire.

**SUR L'ABBÉ DE LAMENNAIS A PROPOS DE  
«L'ESSAI SUR L'INDIFFÉRENCE EN MATIÈRE DE RELIGION»**

Juillet 1823.

Serait-il vrai qu'il existe dans la destinée des nations un moment où les mouvements du corps social semblent ne plus être que les dernières convulsions d'un mourant ? Serait-il vrai qu'on puisse voir la lumière disparaître peu à peu de l'intelligence des peuples, ainsi qu'on voit s'effacer graduellement dans le ciel le crépuscule du soir ? Alors, disent des voix prophétiques, le bien et le mal, la vie et la mort, l'être et le néant, sont en présence; et les hommes errent de l'un à l'autre, comme s'ils avaient à choisir. L'action de la société n'est plus une action, c'est un tressaillement faible et violent à la fois, comme une secousse de l'agonie. Les développements de l'esprit humain s'arrêtent, ses révolutions commencent. Le fleuve ne féconde plus, il engloutit; le flambeau n'éclaire plus, il consume. La pensée, la volonté, la liberté, ces facultés divines, concédées par la toute-puissance divine à l'association humaine, font place à l'orgueil, à la révolte, à l'instinct individuel. A la prévoyance sociale succède cette profonde cécité animale à laquelle il n'a pas été donné de distinguer les approches de la mort. Bientôt, en effet, la rébellion des membres amène le déchirement du corps, que suivra la dissolution du cadavre. La lutte des intérêts passagers remplace l'accord des croyances éternelles. Quelque chose de la brute s'éveille dans l'homme, et fraternise avec son âme dégradée; il abdique le ciel et végète au-dessous de sa destinée. Alors deux camps se tracent dans la nation. La société n'est plus qu'une mêlée opiniâtre dans une nuit profonde, où ne brille d'autre lumière que l'éclair des glaives qui se heurtent et l'étincelle des armures qui se brisent. Le soleil se lèverait en vain sur ces malheureux pour leur faire reconnaître qu'ils sont frères; acharnés à leur œuvre sanglante, ils ne verraient pas. La poussière de leur combat les aveugle.

Alors, pour emprunter l'expression solennelle de Bossuet, un peuple cesse d'être un peuple. Les événements qui se précipitent avec une rapidité toujours croissante s'imprègnent de plus en plus d'un sombre caractère de providence et de fatalité, et le petit nombre d'hommes simples, restés fidèles aux prédictions antiques, regardent avec terreur si des signes ne se manifestent pas dans les cieux.

Espérons que nos vieilles monarchies n'en sont point encore là. On conserve quelque espoir de guérison tant que le malade ne repousse pas le médecin, et l'enthousiasme avide qu'éveillent les premiers chants de poésie religieuse que ce siècle a entendus prouve qu'il y a encore une âme dans la société.

C'est à fortifier ce souffle divin, à ranimer cette flamme céleste, que tendent aujourd'hui tous les esprits vraiment supérieurs. Chacun apporte son étincelle au foyer commun, et, grâce à leur généreuse activité, l'édifice social peut se reconstruire rapidement, comme ces magiques palais des contes arabes, qu'une légion de génies achevait dans une nuit. Aussi trouvons-nous des méditations dans nos écrivains, et des inspirations dans nos poètes. Il s'élève de toutes parts une génération sérieuse et douce, pleine de souvenirs et d'espérances. Elle redemande son avenir aux prétendus philosophes du dernier siècle, qui voudraient lui faire recommencer leur passé. Elle est pure, et par conséquent indulgente, même pour ces vieux et effrontés coupables qui osent réclamer son admiration; mais son pardon pour les criminels n'exclut pas son horreur pour les crimes. Elle ne veut pas baser son existence sur des abîmes, sur l'athéisme et sur l'anarchie; elle répudie l'héritage de mort dont la révolution la poursuit; elle revient à la religion, parce que la jeunesse ne renonce pas volontiers à la vie; c'est pourquoi elle exige du poète plus que les générations antiques n'en ont reçu. Il ne donnait au peuple que des lois, elle lui demande des croyances.

Un des écrivains qui ont le plus puissamment contribué à éveiller parmi nous cette soif d'émotions religieuses, un de ceux qui savent le mieux l'étancher, c'est sans contredit M. l'abbé F. de Lamennais. Parvenu, dès ses premiers pas, au sommet de l'illustration littéraire, ce prêtre vénérable

**SOBRE O ABADE DE LAMENNAIS, A PROPÓSITO DO  
“ENSAIO SOBRE A INDIFERENÇA EM MATÉRIA DE RELIGIÃO”**

Julho 1823.

Seria verdade que existe no destino das nações um momento em que os movimentos do corpo social parecem não ser mais que as últimas convulsões de um moribundo? Seria verdade que podemos ver a luz desaparecer aos poucos da inteligência dos povos, assim como vemos apagar gradualmente no céu o crepúsculo da tarde? Então, dizem vozes proféticas, o bem e o mal, a vida e a morte, o ser e o nada coexistem, e os homens vagam de um ao outro, como se eles tivessem de escolher. A ação da sociedade não é mais uma ação, é um estremecer, ao mesmo tempo, fraco e violento, como um espasmo da agonia. Os desenvolvimentos do espírito humano cessam, suas revoluções começam. O rio não mais fecunda, ele engole tudo; a tocha não mais clareia, ela consome tudo. O pensamento, a vontade, a liberdade, estas facultades divinas, atribuídas pela onipotência Divina à associação humana, substituem-se ao orgulho, à revolta, ao instinto individual. À prudência social sucede esta profunda cegueira animal a qual não foi dada distinguir as aproximações com a morte. Logo, com efeito, a rebelião dos membros leva ao dilaceramento do corpo seguido da dissolução do cadáver. O acordo das crenças eternas é substituído pela luta dos interesses passageiros. Alguma coisa do animal é despertada no homem, e fraterniza-se com sua alma degradada; ele abdica ao céu e vegeta abaixo de seu destino. Então, dois campos traçam-se na nação. A sociedade não é mais senão um combate obstinado em uma noite profunda, onde brilham somente os raios das espadas que se cruzam e a centelha das armaduras que se quebram. O sol apareceria em vão sobre esses infelizes para fazê-los reconhecer que eles são irmãos; obstinados pela sua obra, eles não o veriam. A poeira de seu combate cega-os.

Então, tomando de empréstimo a expressão solene de Bossuet, um povo para de ser um povo. Os acontecimentos que se precipitam com uma rapidez sempre crescente impregnam-se cada vez mais de um aspecto sombrio de providência e de fatalidade, e o número pequeno de homens simples, permanecido fiéis às previsões antigas, olha com terror se alguns sinais não se manifestam nos céus.

Esperemos que nossas velhas monarquias não estejam ainda lá. Conserva-se alguma esperança de cura enquanto a doença não repelir o médico, e o entusiasmo ávido que despertam os primeiros cantos de poesia religiosa, que este século escutou, prove que há ainda uma alma na sociedade.

É para fortalecer o sopro divino, reanimar esta chama celeste, que se consagram hoje todos os espíritos verdadeiramente superiores. Cada um oferece sua centelha na comunidade, e graças a sua generosa atividade, o edifício social pode se reconstruir rapidamente, assim como os mágicos palácios dos contos árabes que uma legião de gênios concluía em uma noite. Consequentemente, encontramos meditações em nossos escritores, e inspirações em nossos poetas. Eleva-se de todas as partes uma geração séria e doce, plena de recordações e de esperanças. Ela pergunta novamente sobre seu futuro aos pretensos filósofos do século anterior, que queriam lhes fazer recomeçar seu passado. Ela é pura, e por consequência complacente, mesmo para com esses velhos e atrevidos culpados que ousam solicitar sua admiração à essa geração; mas o perdão desta última para com esses criminosos não exclui seu horror para com os crimes. Ela não quer basear sua existência sobre abismos, e sobre o ateísmo e a anarquia; ela repudia a herança de morte cuja revolução a persegue; ela volta à religião, porque a juventude não renuncia com facilidade à vida; é por isso que ela exige do poeta mais do que as gerações antigas receberam. O poeta dava ao povo somente leis, a nova geração lhe pede crenças.

Um dos escritores que mais poderosamente contribui para despertar entre nós essa sede de emoções religiosas, um desses que sabem melhor saciá-la é sem dúvida o Sr. Abade F. de Lamennais. Alcançando, desde seus primeiros passos, o topo da ilustração literária, este venerável abade parece somente



semble n'avoir rencontré la gloire humaine qu'en passant. Il va plus loin. L'époque de l'apparition de l'Essai sur l'indifférence sera une des dates de ce siècle. Il faut qu'il y ait un mystère bien étrange dans ce livre que nul ne peut lire sans espérance ou sans terreur, comme s'il cachait quelque haute révélation de notre destinée. Tour à tour majestueux et passionné, simple et magnifique, grave et véhément, profond et sublime, l'écrivain s'adresse au cœur par toutes les tendresses, à l'esprit par tous les artifices, à l'âme par tous les enthousiasmes. Il éclaire comme Pascal, il brûle comme Rousseau, il foudroie comme Bossuet. Sa pensée laisse toujours dans les esprits trace de son passage; elle abat tous ceux qu'elle ne relève pas. Il faut qu'elle console, à moins qu'elle ne désespère. Elle flétrit tout ce qui ne peut fructifier. Il n'y a point d'opinion mixte sur un pareil ouvrage; on l'attaque comme un ennemi ou on le défend comme un sauveur. Chose frappante ! ce livre était un besoin de notre époque, et la mode s'est mêlée de son succès ! C'est la première fois sans doute que la mode aura été du parti de l'éternité. Tout en dévorant cet écrit, on a adressé à l'auteur une foule de reproches que chacun en particulier aurait dû adresser à sa conscience. Tous ces vices qu'il voulait bannir du cœur humain ont crié comme les vendeurs chassés du temple. On a craint que l'âme ne restât vide lorsqu'il en aurait expulsé les passions. Nous avons entendu dire que ce livre austère attristait la vie, que ce prêtre morose arrachait les fleurs du sentier de l'homme. D'accord; mais les fleurs qu'il arrache sont celles qui cachaient l'abîme.

Cet ouvrage a encore produit un autre phénomène, bien remarquable de nos jours; c'est la discussion publique d'une question de théologie. Et ce qu'il y a de singulier, et ce qu'on doit attribuer à l'intérêt extraordinaire excité par l'Essai, la frivolité des gens du monde et la préoccupation des hommes d'état ont disparu un instant devant un débat scolastique et religieux. On a cru voir un moment la Sorbonne renaître entre les deux Chambres.

M. de Lamennais, aidé dans sa force par la force d'en haut, a accoutumé ses lecteurs à le voir porter, sans perdre haleine, d'un bout à l'autre de son immense composition, le fardeau d'une idée fondamentale, vaste et unique. Partout se révèle en lui la possession d'une grande pensée. Il la développe dans toutes ses parties, l'illumine dans tous ses détails, l'explique dans tous ses mystères, la critique dans tous ses résultats. Il remonte à toutes les causes comme il redescend à toutes les conséquences.

Un des bienfaits de ces sortes d'ouvrages, c'est qu'ils dégoûtent profondément de tout ce qu'ont écrit de dérisoire et d'ironique les chefs de la secte incrédule. Quand une fois on est monté si haut, on ne peut plus redescendre aussi bas. Dès qu'on a respiré l'air et vu la lumière, on ne saurait rentrer dans ces ténèbres et dans ce vide. On est saisi d'une inexprimable compassion en voyant des hommes épuiser leur souffle d'un jour à forger ou à éteindre Dieu. On est tenté de croire que l'athée est un être à part, organisé à sa façon, et qu'il a raison de réclamer sa place parmi les bêtes; car on ne conçoit rien à la révolte de l'intelligence contre l'intelligence. Et puis, n'est-ce pas une étrange société que celle de ces individus ayant chacun un créateur de leur création, une foi selon leur opinion, disposant de l'éternité pendant que le temps les emporte, et cherchant à réaliser cette *multiplex religio*, mot monstrueux trouvé par un païen ? On dirait le chaos à la poursuite du néant. Tandis que l'âme du chrétien, pareille à la flamme tourmentée en vain par les caprices de l'air, se relève incessamment vers le ciel, l'esprit de ces infidèles est comme le nuage qui change de forme et de route selon le vent qui le pousse. Et l'on rit de les voir juger les choses éternelles du haut de la philosophie humaine, ainsi que des malheureux qui graviraient péniblement au sommet d'une montagne pour mieux examiner les étoiles.

Ceux qui apportent aux nations enivrées par tant de poisons la véritable nourriture de vie et d'intelligence, doivent se confier en la sainteté de leur entreprise. Tôt ou tard, les peuples désabusés se pressent autour d'eux, et leur disent comme Jean à Jésus: *Ad quem ibimus ? verba vitae aeternae habes.* « A qui irons-nous ? vous avez les paroles de la vie éternelle. »

ter encontrado a glória humana de passagem. Ele vai mais longe. A época da publicação do *Ensaio sobre a indiferença* será uma das datas deste século. Para que alguém o leia sem esperança ou sem terror, é necessário que neste livro haja algum estranho mistério, como se escondendo alguma alta revelação de nosso destino. Majestoso e apaixonado sucessivamente, simples e magnífico, grave e veemente, profundo e sublime, o escritor dirige-se ao coração através de todas as ternuras, ao espírito através de todos os artificios, à alma através de todos os entusiasmos. Ele esclarece como Pascal, ele queima como Rousseau, ele fulmina como Bossuet. Seu pensamento deixa sempre nos espíritos um rastro de sua passagem; ele vence todos aqueles que ele não faz elevar. É necessário que ele console, pelo menos que ele não desespere. Ele murcha tudo o que ele não pode frutificar. Não há nenhuma opinião mista sobre semelhante obra; nós a atacamos como um inimigo ou a defendemos como um salvador. Coisa espantosa! Este livro era uma necessidade de nossa época, e a moda confundiu-se em seu sucesso! É a primeira vez sem dúvida que a moda terá ficado ao lado da eternidade. Devorando este escrito, dirigimos ao autor uma multidão de críticas que cada um em particular deveria dirigir a sua consciência. Todos os vícios que ele queria banir do coração humano berraram como os vendedores expulsos do templo. Temeu-se que a alma ficasse vazia no momento em que dela se expulsasse as paixões. Ouvimos dizer que esse livro austero entristecia a vida, que o sacerdote moroso arrancava as flores do caminho do homem. Certo; mas as flores que ele arranca são aquelas que escondem o abismo.

Esta obra produziu ainda um outro fenômeno, bem notável em nossos dias; é a discussão pública de uma questão de teologia. E o que há de singular, e o que se deve atribuir ao interesse extraordinário incitado pelo *Ensaio*, é o fato de a frivolidade das pessoas elegantes e a preocupação dos homens do Estado desaparecerem um instante frente a um debate escolástico e religioso. Acreditou-se ver um momento a Sorbonne renascer entre as duas Câmaras.

O Sr. de Lamennais, auxiliado em sua força pela força do Alto, habituou seus leitores a vê-lo carregar, sem perder o fôlego, de uma ponta a outra de sua imensa composição, o fardo de uma ideia fundamental, vasta e única. Em todos os lugares revela-se a possessão de um grande pensamento. Ele o desenvolve em todas as partes, ilumina-o em todos seus detalhes, explica-o em todos seus mistérios, critica-o em todos seus resultados. Ele remonta a todas as causas assim como desce a todas as consequências.

Um dos benefícios desses tipos de obras é que eles desagradam profundamente tudo o que foi escrito de irrisório e de irônico os chefes da seita incrédule. A partir do momento em que subiu tão alto, não se pode mais descer tão baixo. A partir do momento em que se respira o ar e se vê a luz, não se saberia retornar nessas trevas e nesse vazio. Somos pegos por uma inexprimível compaixão vendo homens esgotar seu fôlego diariamente a forjar ou apagar Deus. Somos tentados a acreditar que o ateu é um ser a parte, organizado à sua maneira, e que ele tem razão de reclamar seu lugar entre os animais; pois não se concebe nada à revolta da inteligência contra a inteligência. E depois, não é uma estranha sociedade aquela desses indivíduos tendo, cada um, um criador de sua criação, uma fé segundo sua opinião, dispendo da eternidade enquanto o tempo os arrasta, e procurando realizar essa *multiplex religio*, palavra monstruosa encontrada por um pagão? Diríamos o caos perseguindo o nada. Enquanto a alma do cristão, semelhante à chama atormentada em vão por caprichos do ar, ergue-se incessantemente ao céu, o espírito desses infidéis é como a nuvem que muda de forma e de direção segundo o vento que a move. E rimos ao vê-los julgar as coisas eternas do alto da filosofia humana, assim como infelizes que escalaram com dificuldade o topo de uma montanha para melhor examinar as estrelas.

Esses que trazem às nações agitadas por tantos venenos o verdadeiro alimento de vida e de inteligência devem confiar à santidade de seu empreendimento. Cedo ou tarde, os povos desesperançosos apressam-se ao redor deles, e lhes dizem como João a Jesus: *Ad quem ibimus? verba vitae aeternae habes.* "A quem recorreremos? Vocês têm as palavras da vida eterna."

**Referência**

HUGO, V. *Oeuvres complètes de Victor Hugo*. Littérature et philosophie mêlées. Texte établi par Cécile Dubray. Paris: Imprimerie Nationale, Ollendorff, Albin Michel, 1934. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/Litt%C3%A9rature\\_et\\_philosophie\\_m%C3%AAl%C3%A9es/1823-1824/Sur\\_Voltaire](https://fr.wikisource.org/wiki/Litt%C3%A9rature_et_philosophie_m%C3%AAl%C3%A9es/1823-1824/Sur_Voltaire)>.

HUGO, V. *Oeuvres complètes de Victor Hugo*. Littérature et philosophie mêlées. Texte établi par Cécile Dubray. Paris: Imprimerie Nationale, Ollendorff, Albin Michel, 1934. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/Litt%C3%A9rature\\_et\\_philosophie\\_m%C3%AAl%C3%A9es/1823-1824/Sur\\_l%E2%80%99abb%C3%A9\\_de\\_Lamennais](https://fr.wikisource.org/wiki/Litt%C3%A9rature_et_philosophie_m%C3%AAl%C3%A9es/1823-1824/Sur_l%E2%80%99abb%C3%A9_de_Lamennais)>.